

**UMA PRAÇA PARA O FARIA**

No sábado, após quase 18 meses de distanciamento total, vacinado, peguei a estrada. No início do ano, junto com amigos da Faculdade de Engenharia de Passos, resolvemos prestar uma homenagem ao engenheiro e professor Antônio de Faria através da nomeação de uma praça na cidade. Fui a Minas Gerais para a inauguração da praça que recebeu uma obra de arte em mosaico da Atalie homenageando o querido amigo. Foram meses de trabalho de muitas pessoas, a começar da secretária de obras Clélia Rosa, dos engenheiros Ugs Pinheiro e Leopoldo Bueno e das artistas Atalie Rodrigues Alves e Helena Assad. Como fui indicado a falar em nome do grupo, fiz um relato pessoal de minha vivência com Faria para mostrar um pouco da importância de sua vida para Passos e para a educação e engenharia mineiras.

Conheci o Faria como aluno no início dos anos 80, ótimo aluno. Era o final da ditadura, havia um clima de esperança e mudanças no ar que a democracia traria. Na época em que fui seu professor, estava iniciando o mestrado, participava da construção do PT, da luta pelas eleições diretas já e acho que passava nas aulas meu entusiasmo com o que estava acontecendo no país. Em seguida, já formado, Faria se tornou professor e também secretário executivo da Fundação de Ensino de Passos – FESP e me fez uma proposta: assumir a tarefa de montar um núcleo de pesquisa e extensão na Faculdade de Engenharia. Passei a frequentar sua casa ao lado do ginásio da Barrinha. Sua mulher Ângela, recém-casada, ficava apavorada por causa de minha (falsa) fama de vegetariano, sem saber o que servir.

Na mesma época, começou a discussão sobre a criação da UEMG e a estadualização da FESP, que passamos a apoiar. Quando se tornou diretor da Faculdade de Engenharia, participei intensamente de dois movimentos que Faria liderou: o primeiro, a reformulação curricular do curso, que pensava um engenheiro preparado para assumir os desafios do desenvolvimento regional, papel que pensávamos para o campus local. Como não teve tempo de concretizar a reformulação indo pra Reitoria, coube ao saudoso diretor da engenharia Venâncio Dias concluir a reestruturação do curso. A gente até brincava com Faria, acho que foi o Sandoval que inventou: “Antônio Faria, Venâncio fez”. Naquela época, a gente já era chamado pela rádio-corredor da escola de “a turma do Faria”, motivo de orgulho para mim e tenho certeza para todos que o acompanharam nas suas lutas pela educação de qualidade.

O segundo movimento é que Faria já vislumbrava a importância e oportunidades do processo de informatização e logo em seguida da internet, das profundas mudanças que iríamos viver, tanto que criou a primeira empresa de internet em Passos. Foi graças a essa visão de futuro que começamos a obter contratos para executar Planos Diretores na região e recursos da FAPEMIG para projetos de pesquisa e extensão na FESP, envolvendo professores e alunos nas atividades.

No meio desse processo, veio o convite para Faria assumir o cargo de vice-reitor da UEMG em 1995, ele era próximo aos tucanos. Os primeiros passos para a consolidação da UEMG como universidade pública mineira tinham o professor Aluísio Pimenta como misto de intelectual e político que articulava as demandas emergentes, mas o executivo era o Faria, era ele quem matava um leão por dia e viajava pelas diversas unidades no interior. Aqueles foram anos

incríveis, vinte anos em quatro, a UEMG passou a existir de fato. Ao mesmo tempo em que era vice-reitor, era também executivo da FESP acumulando funções no conselho curador com os professores José de Paula e Blandina Coelho Lemos. Suas demandas para ontem deixavam sua secretária Marilene completamente apavorada, às vezes até eu a ajudava a resolver coisas. Tenho dúvidas se o Faria dormia. Viagem marcada para as cinco da manhã com destino a BH, olhava da janela do Hotel Vila Rica quando levantava às 4h30 e o carro dele já estava parado lá esperando, com Moacir ao volante. Quantas vezes saí de Franca às 11h da noite, chegava às 6h da manhã na rodoviária de BH e subia a pé até a Reitoria na Praça da Liberdade vendo a cidade acordar. Quando chegava, lá estava o Faria fazendo caminhada. Um dia estava em Divinópolis, noutro em Campanha, depois em Patos de Minas ou Varginha. Pior: ele arrumava serviço pra todo mundo que estava ao seu lado. D longe me ligava – “você precisa vir a Patos de Minas falar sobre o mutirão de casas populares de Ibiraci”, que era um dos projetos de extensão que eu tocava pela FESP. “Você precisa vir a Diamantina apresentar o que é um Plano Diretor”. Assim conheci boa parte dos futuros campi da UEMG no interior das Minas Gerais. Mas a vida é assim, essas oportunidades são raras na vida, quem as viveu guardará para sempre os sonhos de construir outro mundo. No final de 1998, o decreto de estadualização da FESP pronto e o governador não assinou, um balde de água fria no entusiasmo pela UEMG, que só se tornaria realidade muitos anos depois. Em 1999, Faria optou por investir noutro sonho, o da universidade de Varginha.

Continuou vivendo na estrada, morava em Passos, mas viajava a Varginha e Divinópolis para lecionar. Fez mestrado em estruturas, passou a dar consultoria em projetos estruturais e dar aulas. Rodou pelo Brasil ensinando cálculo estrutural no mesmo ritmo acelerado. Em Varginha, fui novamente convocado a ajudá-lo: queria colocar de pé o que não conseguira em Passos, construir um novo e moderno campus para a universidade. Com o projeto de arquitetura da equipe que coordenei, Faria construiu o campus do UNIS, referência para o ensino daquela região. Mas a vida é um moinho, já disse o grande Cartola. Faria nos deixou, mas sua obra e dedicação pela educação de qualidade, pela ciência e pela engenharia permanecem vivas, como na praça da cidade que o acolheu, onde viveu e sonhou. Viva Antônio de Faria.

Mauro Ferreira é arquiteto